SADE, UM PENSADOR A SER LEVADO A SÉRIO

Zeljko Loparic

Quem se deparasse com a afirmação: "Há necessariamente duas coisas no universo: o agente criador e o indivíduo criado", dificilmente negaria tratar-se de uma tese metafísica. E se lesse em seguida: "Eis a única dificuldade que é preciso resolver, a única pergunta que é preciso responder", ele quase certamente concluiria que se trata da posição de um pensador acadêmico. No entanto, as duas afirmações citadas não provêm de um tratado de metafísica, mas d'*A filosofia na alcova* do marquês de Sade. E são pronunciadas por Dolmancé, sodomita irredutível, corruptor de menores e apologista de todos os crimes, em particular, do crime de infanticídio.

Poder-se-ia pensar que, pela voz de Dolmancé, Sade esteja promovendo a perversão da teoria da criação, peça central da metafísica e da religião ocidentais, com a finalidade de justificar as práticas licenciosas ou, melhor, mórbidas, tal é o horror que inspiram certas cenas na alcova de Mme. Saint-Ange. Seria possível valer-se da psiquiatria clássica e mesmo de Freud para dizer que a ciência constatou, desde há muito, que a homossexualidade é uma perversão e que a crueldade lúbrica ou a sangue-frio é, certamente, a principal das perversões.

Poder-se-ia levantar uma suspeita mais sinistra ainda: a de que Sade, não satisfeito em corromper os corpos e as almas e sabendo dos freios com os quais a cultura ocidental combate as desordens físicas e morais, decidiu destruir os princípios ordenadores dessa cultura, baseados no racionalismo grego e na moral judaico-cristã. Em outras palavras, desmontar todas as verdades aceitas, pelo ocidente, sobre o homem e o mundo.

Essa é, sem dúvida, uma leitura possível da filosofia dos personagens de Sade, proposta já inúmeras vezes. O seu defeito principal é o de contradizer Sade. O marquês não ignora, longe disso, a existência de "gostos singulares" e tampouco hesita em chamar os seus libertinos de perversos ou mesmo doentios. Mas ele distingue entre libertinos "por temperamento" e libertinos "por princípio".

Além disso, embora vise levantar os freios tradicionais das paixões humanas, Sade não pretende de modo algum fazê-lo às custas da verdade. Isso foi

justamente o que teria feito, segundo ele, a tradição metafísica e religiosa. Sade entende ser o dever principal do filósofo dizer a verdade, toda a verdade, mesmo que esta não seja nada consoladora.

A teoria libertina da criação do mundo tem uma parte crítica e uma parte positiva. Na parte crítica, ela destrói dois grupos de teorias tradicionais do criador, as judaico-cristãs e as metafísicas. O mundo não foi criado por um Deus todo-poderoso e justo: as injustiças sociais, as desordens morais e a hipocrisia sistemática dos detentores do poder são prova disso. O humanismo religioso não passa de uma longa mentira dos poderosos, aceita pelo povo por fraqueza.

O mundo tampouco foi criado por um Deus todo-poderoso e racional: catástrofes naturais observadas refutam tal tese. O universo não é um "cósmos", a bela ordem é apenas um fenômeno local. Logo, o criador ou não é todo-poderoso ou não é racional nem justo. Em qualquer das alternativas, o criador do mundo atual não é Deus.

Quanto à criatura, a crítica sadiana diz que ela não é nem livre, nem imortal. O homem, em particular, é determinado pela sua organização física e pelos movimentos de fluidos elétricos no seu corpo. A expressão desses determinantes são as paixões sentidas na consciência. A imortalidade, por seu turno, não passa da imaginação de um ente com medo da morte que quer preservar esperanças além do razoável.

Todas essas teses parecem tiradas dos tratados de metafísica materialista. Parece até que Sade está dialogando com o idealismo racionalista de Kant, como foi sugerido por leitores não negligenciáveis, entre eles Adorno e Lacan. Que Adorno e Lacan tenham sido felizes ou não nas suas aproximações de Sade com Kant, o fato é que, na sua *Crítica da razão prática*, publicada em 1788, Kant diz que a liberdade do homem, a existência de Deus criador todo-poderoso e a imortalidade da alma são os três postulados da razão prática, sem os quais a obrigação de seguirmos o imperativo categórico não pode ser avaliada como racional. Tudo se passa como se os libertinos sadianos tivessem certeza total de que só serão livres da moral racional se negarem os três postulados de Kant.

Pode-se concordar com as conseqüências que Sade tirou do materialismo? D'Holbach, por exemplo, tira dessa mesma ontologia materialista uma ética utilitarista do bem comum. Como se dá, então, a torção sádica do ateísmo que diz que, se Deus não existe, não há crime? Mais precisamente, como se prova que não há crime? A prova começa afirmando que o agente criador do mundo é a natureza. O que é que a natureza cria? Combinações transitórias de formas não menos instáveis. Como é que a natureza cria? Por um movimento eterno da matéria, sem finalidade alguma. O que é o homem, criatura desse tipo de agente criador? Apenas mais uma combinação de formas transitórias, um capricho da natureza.

Até aí, o argumento de Sade agradaria a qualquer materialista, de Lucrécio a Deleuze (que, diga-se de passagem deve muito mais a Sade do que se admite), e não parece conter nada de chocante. Como é então que se torna escandaloso? Pela conclusão de que, sendo assim, a natureza só cria para destruir. A conclusão tem força no interior do sistema de Sade. Desconhecendo a permanência das formas, até mesmo dos elementos, desconhecendo qualquer finalidade, agindo cegamente, a natureza não preserva nada a não ser o seu próprio movimento, não propaga nada, a não ser o seu poder de combinar. Nisso, ela se permite tudo, absolutamente tudo. Nada lhe é sagrado: ela é o próprio princípio de dessacralização.

Bem entendido, para que possa seguir destruindo, a natureza precisa garantir que algo se conserve e até mesmo que se reproduza. Mas as leis de conservação e de propagação das coisas não são as leis primárias da ação da natureza, mas apenas as da reação que assegura o equilíbrio entre destruição e conservação o qual garante a continuidade da série de aniquilações.

A moral sadiana de crueldade sistemática deve ser lida, creio eu, como uma decorrência dessa metafísica da criação. As orgias intermináveis que se passam nos recintos fechados – nas alcovas, nos castelos, nos conventos – não fazem mais do que imitar, por meio de "quadros" ocasionais compostos por corpos humanos, aquilo que a natureza faz, eternamente, pelo mundo afora. Desenha-se assim uma imagem satânica do universo como uma imensa máquina de produção de criaturas destinadas a serem consumidas pela morte.

Há nisso uma inversão do platonismo que, entretanto, difere substancialmente da famosa inversão nietzschiana. Em primeiro lugar, a natureza sadiana não busca o poder sobre as coisas, mas a destruição das coisas. Em segundo lugar, ela não existe como o eterno retorno do mesmo. Em Nietzsche, o universo é ainda dotado de um gerador de sentido, a vontade (dionisíaca e não satânica) de poder, e de um princípio de conservação (ou de identidade), o retorno dos mesmos indivíduos. Com Sade, entra-se num universo sem sentido e sem o princípio de individuação. Sade conclui que ou viveremos como hipócritas ou, se quisermos ser honestos, teremos que nos adaptar às regras das sociedades de amigos do crime. Haveria maneiras de evitar viver num mundo de crueldade sadiana? Ultrapassar Sade não pode significar, contudo, retornar à metafísica da ordem que ele rejeitou. Para nós também, a razão não passa de uma longa mentira sobre a origem e o destino do homem. Há, no entanto, pelo menos uma maneira de escapar do sadismo. Ela consiste em observar que a crueldade da natureza decorre da tese de Dolmancé de que há necessariamente no universo um agente criador e indivíduos criados e que essa última proposição é uma formulação do princípio de causalidade. Para escapar do sadismo bastaria, portanto, desmontar o causalismo, princípio-guia da me-

tafísica ocidental. Uma natureza não reduzida à máquina produtora, não precisará mais ser necessariamente consumidora.

Sade não chegou a conceber uma natureza não criadora. Ele soube explicitar como ninguém as conseqüências da substituição do deus da ontologia pela natureza. Mas não se deu conta de que esse deus tirava a sua força do princípio metafísico de causalidade e transferiu, inadvertidamente, esse princípio para a natureza. Dessa maneira, gerou um monstro saturnal. Mas Sade não deve ser ignorado por isso. De fato, só Heidegger, muito tempo depois, soube reconhecer que a libertação da crueldade do mundo em que vivemos, descoberta por Sade, articulada por Nietzsche e que ele mesmo chamou de armação da técnica, exige a desconstrução radical da metafísica e do princípio de causalidade que a define.

Pode-se dizer, a favor de Sade, que ele estava perto de abandonar o criacionismo causal. Na sua dissertação, o papa libertino Pio VI afirma algo surpreendente, a saber, que a natureza em si mesma é totalmente heterogênea ao mundo atual, que as coisas que povoam esse mundo de destruição não foram criadas pela natureza, que nunca houve criação e que aquilo que a natureza mais deseja é livrar-se de seu cativeiro nesse mundo. Ao expor essa teoria pontifícia, de evidente inspiração gnóstica, Sade aparentemente estava à beira de introduzir um conceito de coisa não mais pensada como efetividade causal, mas como mero surgimento, como mera "espuma". Mas ele não conseguiu dar o último passo necessário: o seu sumo libertino ainda entende que a natureza deseja destruir o mundo da destruição, isto é, que, para se libertar da maldade, a natureza não pode simplesmente se retrair, que ela ainda precisa agir causalmente.❐